

PSICOESFERA: A MODERNIDADE PERVERSA

Samira Peduti Kahil*

RESUMO

Este artigo é parte de uma investigação que estamos fazendo em nosso trabalho de tese de doutoramento. A psicoesfera como materialização nos mecanismos que regulam os conflitos, na padronização das imagens do mundo, na sua massificação dos valores culturais formadores de uma nova identidade social é aqui estudada como esfera complementar à esfera da racionalidade instrumental (princípio organizador dos subsistemas Estado, Mercado, Sociedade). Se na esfera técnica o espaço se organiza de modo

descontínuo, como psicoesfera o espaço se mundializa, internacionalizando crenças, desejos, hábitos e comportamentos. O espaço cuja configuração se define pelo conjunto de objetos técnicos, materiais ou não e o tempo, que caracterizado pelo instantâneo, pela urgência torna-se um signo do poder, são hoje instrumentos de medida hegemônica que comandam o ritmo dos homens e dos lugares. Assim esta investigação quer contribuir para uma reflexão das características singulares que o espaço geográfico assume hoje.

Este artigo é um excerto do tema Unidade e Diversidade do Mundo Contemporâneo que vimos desenvolvendo como investigação para uma tese de doutoramento. No caminho desta investigação a complexidade do próprio tema nos obrigava a uma referência teórica ao mesmo tempo da complementariedade, concorrência e antagonismo com que se apresenta a diversidade do mundo das coisas técnicas no espaço-tempo da atualidade.

Diante da vertical diversidade dos signos, significados, sentidos, que a tecnoesfera traz em si própria e se mostra a nós outros, as horizontalidades vão se tecendo, como criação e re-criação de um mundo vivido complementarmente àquela tecnoesfera. Do mesmo modo esta tecnoesfera faz e refaz também, uma modernidade perversa.

Hoje, graças à unicidade da técnica, o espaço e o tempo só podem ser definidos reciprocamente pois tanto os sistemas de ações – temporalizações práticas, como os sistemas de objetos – espacializações práticas, contêm tempo.

Assim o entendimento do mundo hoje impõe o entendimento dos objetos técnicos, que mobilizam o espaço – uma tecnoesfera, e ainda o entendimento do período, como um modo de vida – uma psicoesfera.¹

Complementar à esfera da racionalidade instrumental (princípio organizador dos subsistemas Estado, Mercado, Sociedade), a psicoesfera é a materialização, nos mecanismos que regulam os conflitos, na padronização das imagens do mundo, na massificação, dos valores culturais formadores de uma nova identidade social.

(*) Professora do Departamento de Planejamento Regional – Unesp – Rio Claro, SP e aluna do curso de pós-graduação em Geografia Humana/USP – SP

(1) Santos, M. Réflexions sur le rôle de la géographie dans la période technico-scientifique, *Cahier de Géographie du Québec* 32(87), déc. 1988, p. 313.

O espaço, cuja configuração se define pelo conjunto de objetos técnicos, materiais ou não, e o tempo que caracterizado pelo instantâneo, pela urgência, pela velocidade torna-se um imperativo, um signo do poder social, são hoje instrumentos de medida hegemônica que comandam o ritmo dos homens e dos lugares.

Se na esfera técnica o espaço se organiza de modo descontínuo, como psicosfera o espaço se mundializa, internacionalizando crenças, desejos, hábitos e comportamentos.

Na sociedade mundial, criada pela conexão global das possibilidades de comunicação, a identidade do homem com o seu mundo se perde porque a interação social se constrói num espaço e num tempo presente, instantâneo, privado de memória, do qual o homem não participa de sua construção – o que determina um espaço estranho, um tempo efêmero. “Por não se ter construído o espaço, não se tem nenhuma chance de se ver de onde se está vendo o que se vê.”²

Se o sistema técnico-informacional se autonomizou em relação ao âmbito do mundo da vida e mantém contraditoriamente um domínio sobre este, isto não quer dizer que não se influenciem reciprocamente, mas que entre eles há um jogo de influências.

*“Nas condições da modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. A estrutura local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam a sua natureza.”*³

A comunicação de massa é um fenômeno cultural complementar da civilização técnica: shopping-center, radiodifusão, cinema, televisão, computadores, lazer, fibras óticas... – estes suportes técnicos das sociedades economicamente mais evoluídas estendem sua influência rapidamente sobre todo o mundo. É principalmente via “mídia” que o tempo e o espaço hegemônicos imprimem em todos os lugares o ideal da modernidade.

Complementar ao sistema técnico-informacional, que é a materialização da ciência, a coordenação das ações dos sujeitos é inseparável do nexo sujeito-objeto dado pela tecnociência, inseparável da conexão espaço-temporal, que os sujeitos desenvolvem em seus esquemas mentais, o que de fato consiste em descentrar as ações em relação ao mundo.

*“Tudo se passa como se a racionalização científica só pudesse tematizar o objeto negligenciando os sujeitos existentes (...); as próprias ciências do espírito, na medida que querem ser objetivas, evitam toda tomada de posição normativa, (...) e a esse título, a história da Razão é sem dúvida a de um desencantamento, (...) o mundo da ciência, tal como a ciência o constitui e o vê, se destacou do mundo da vida.”*⁴

A racionalidade que permeia a psicosfera (cujo pano de fundo é o mundo vivido) é, então, a mesma que normatiza a ação instrumental (que tem os sistema econômico e político como pano de fundo). Esta última é aquela que, construída por uma ciência com todas as propriedades e qualidades traduzidas em linguagem matemática, exclui os predicados práticos, axiológicos e culturais com os quais os objetos assumem sentido e valor.⁵

(2) Bourdieu, P. *Coisas Ditas*, SP, Brasiliense, 1990, p:159.

(3) Giddens, A. *As Consequências da Modernidade*. SP, Editora Unesp, 1991, p.27

(4) Dartiegues, A. *O que é fenomenologia*, RJ, Eldorado, 1973, p: 72/73.

(5) “A exatidão calculista da vida prática”, “a precisão efetuada pela difusão universal de um relógio de bolso”, “a integração de todas as atividades em um calendário estável e impessoal”, “a perseguição desregrada ao prazer”, “a incapacidade de reagir a novas sensações, o embotamento do poder de discriminar”... são algumas das fontes daquela atitude *blasé*, atitude típica do habitante da metrópole moderna para quem “o significado e valores diferenciais das coisas, e daí as próprias coisas, são experimentados como destituídos de substância.”- Simmel, G., “A Metrópole e a Vida Mental”, in: Velho, O.G., *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Guanabara, 4a. ed.s/data, copyright 1987.

É neste sentido que podemos dizer que o traço dominante do sistema é a produtividade da própria racionalidade, para a qual a tecnociência tem trabalhado, convertendo-se mesmo numa ideologia legitimadora da manutenção e crescimento do sistema. É nesse sentido que podemos com Milton Santos dizer que o “meio geográfico”, que já foi “meio natural” e “meio técnico” é hoje, tendencialmente, um “meio técnico-científico”. Esse meio técnico-científico é muito mais presente como psicosfera que como tecnoesfera.⁶

Da razão instrumental hegemônica, resulta uma “natureza artificializada, instrumentalizada ao extremo, que recusa-se a se deixar entender diretamente.”⁷

A recusa se dá exatamente na medida em que esse mundo, produto do homem reduzido ao “eu penso”, ao “homo metaphísico” de que nos fala Heidegger, encontra-se velado por sua própria razão, uma racionalidade que na mesma medida o domina. Esta maneira do homem situar-se no mundo, em relação aos outros e às coisas, o coloca como sujeito: aquele que age sobre a natureza – dominando-a, e sobre os outros homens – com sua vontade de poder, cultuando sua autonomia individual como possibilidade da liberdade parecer completa.

“O perigo da técnica é precisamente o de esta lhe deixar acreditar que, dominando a terra, vai ao fundo de todos os problemas e de todas as dificuldades, que a melhoria dos meios de ação caminha a par com a perfeição ontológica do ser humano.”⁸

O homem moderno vive nesse mundo instrumentalizado, onde suas relações com os outros são mediadas pelas coisas. A condição social dos indivíduos, seu padrão de vida, a satisfação de seus desejos, sua liberdade e seu poder são inteiramente determinados por um novo sistema de valores: aqueles que procedem da racionalidade técnica – a performance, o funcional, o operatório; enquanto outros são reflexos ideológicos do mercado – rentabilidade, flexibilidade, mobilidade.

Esses valores, veiculados pela mídia, acabam formando uma cultura de especialistas para quem

a política faz-se espetáculo no qual somente atores hegemônicos participam, uma cultura de especialistas cujo vocabulário debilita os vínculos da espontânea compreensão cotidiana entre os sujeitos, cuja identidade é abalada por normas universais racionalizadas, resultando cidadãos desresponsabilizados, indivíduos despersonalizados.

Do culto narcísico às relações sociais alienadas, resulta um espaço reificado, obra da estandarização e padrões estereotipados de valores e normas de ação com vista ao êxito, cujos interesses particulares se escondem em um espaço carregado de signos e valores hegemônicos, não delineados claramente, ajustam os indivíduos ao “coletivismo antropofágico”.

Uma análise dialética do espaço social via a esfera técnica e a psicosfera evita a polaridade entre racionalidade técnica/racionalidade do mundo da vida, já que são complementares e uma contém a outra em si.

É isso que nos permite dizer ainda que o espaço é continente e o conteúdo de sua própria negação – como inscrição das ações humanas, dos atos e eventos passados e presentes, se mostra como obra aberta, como possibilidade também de liberdade, no sentido da emancipação humana, superando aquele estágio de ser particular, em busca inaudita pela sobrevivência física, para ver-se no mundo e ver o mundo desmistificado, desenfeitado.

Uma análise do espaço social via esfera técnica e psicosfera abre perspectivas para uma nova dialética da reciprocidade, tão cara a Georges Gurvitch, uma nova dialética entre o singular, o particular e o universal.

(6) Santos, M. *Aceleração Contemporânea: tempo mundo e espaço mundo*, Conferência por ocasião do Encontro Internacional *O novo mapa do mundo* – São Paulo, USP, setembro, 1992, (mimeo).

(7) Santos, M. *O Espaço do Cidadão*, SP, Nobel, 1987, p. 51

(8) Resweber, M., *O Pensamento de Martin Heidegger*, Coimbra, Almedina, 1979, p. 19

A globalização da economia e a mundialização da cultura, levadas a termo pelo desenvolvimento tecnocientífico, pela velocidade das especializações dos elementos do espaço, pela acumulação do capital, pela multiplicação das ações, pela polissemia das informações, têm imanência em todo lugar, permitindo na reciprocidade das perspectivas, ganhar concretude simultaneamente a globalização/mundialização que conduz a uma simetria,

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: a modernidade perversa.

assim como põe em evidência as especificidades e singularidades de cada lugar, a *uniqueness*.⁹

(...) a paisagem, em sua nudez de coisa pura, desumanizada, desbotada, tão polida em sua extrema coisicidade, se torna espelho. No qual a consciência, ao olhar seu objeto exterior, ao mesmo tempo se vê. A coisa-espelho reflete a consciência, restituindo-lhe a própria imagem. E a especulação torna então consciência sobre si mesma."¹⁰

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, P. *O Desencantamento do Mundo: Estruturas Econômicas e Estruturas Temporais*. Título do original em francês: *Travail et travailleur en Algérie*. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1979.
- HARVEY, D. *A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
- HELLER, A. *Sociología de la Vida Cotidiana*. Barcelona, Ediciones Península, 1ª ed. 1977, 3ª ed. 1991.
- ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1994.
- PICKLES, John. *Phenomenology, Science and Geography – Spatiality and the human sciences*. Cambridge, University Press, 1985.
- SANTOS, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo, Editora Hucitec, 1988b.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris, Editions Aubier; (1a. edition 1958), 1989.

(9) "Assim, podemos voltar ao tema da geografia como "ciência dos lugares", à qual se ligam nomês como Vidal de la Blache e C.Sauer, ou o ressurgimento dessa mesma discussão com o debate sobre a *uniqueness* em que se envolveram, entre outros, Hartshorne (1955), Preston James (1972), Scafer (1953), Gourou (1973), D.Grigg (1965), etc." in: Santos, M. *Metamorfoses do Espaço Habitado*, São Paulo, Hucitec, 1988, p. 34.

(10) Camus, A. O Vento de Djâmila, em: *Bodas em Tipasa*, Difusão Européia do Livro, 1964.